
NO ESCURINHO DOS CINEMAS CAMPINENSES: ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADE

Edgar Francisco do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba
edgarfn@yahoo.com.br

Nesta pesquisa analisamos a construção da identidade de espaços de lazer e diversão em campina Grande-Pb, nas décadas de 1970 e 1980, a partir da análise do sentido das salas de exibição de filmes para os frequentadores, especialmente, o Cine Babilônia, Cine Capitólio, Cine Avenida e cine São José. Assim, buscamos enveredar a pesquisa para a análise desses espaços enquanto vivência de uma "experiência coletiva", como o teatro ou a ópera, refletindo sobre questões, tais como: Como pensar o cinema como espaço múltiplo de lazer? Seria possível delinear os tipos de filmes exibidos nas salas de cinema e os seus frequentadores? Como os espaços de sociabilidade eram construídos pela população após a exibição dos filmes? De que forma as emissoras de rádio, televisão e os periódicos da época noticiavam os filmes que seriam exibidos? Para concretização desta pesquisa dialogamos com alguns autores, a exemplo de Nicolau Sevcenko, a partir de suas reflexões sobre tecnologia e cultura; em Tomaz Tadeu da Silva e Suart Hall nos apropriamos de seus estudos acerca da diferença como construção identitária, dentre outros autores que partilham sobre as novas abordagens sobre cinema e História.

Este pesquisa surgiu a partir do desejo de dar continuidade a uma pesquisa que iniciamos com a finalidade de elaborarmos o trabalho para conclusão do Curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba¹ e, posteriormente, aprofundamos a reflexão no Curso de Especialização em História do Brasil, também cursado na UEPB.

A partir das pesquisas realizadas percebemos que apesar da bibliografia existente algumas lacunas permanecem necessitando de uma maior investigação, principalmente, no que diz respeito à temática sobre lazer e diversão na cidade a partir

¹ Monografia intitulada "Mais um filme em cartaz: esquecimento dos cinemas campinenses no final do século XX" apresentada no curso de Especialização em História do Brasil, na Universidade Estadual da Paraíba no ano de 2005. Trata sobre o fechamento das salas de cinema na cidade de Campina grande, destacando os embates na mídia local para preservar as salas e evitar a demolição, especialmente dos cines Babilônia e Capitólio.

das salas de exibição de filmes²: Cine Babilônia, Cine Capitólio, Cine Avenida e Cine São José³, enquanto espaços de lazer e sociabilidades. Assim, nossa proposta visa alargar os estudos e conhecimentos a respeito do lazer e cotidiano da sociedade campinense.

Podemos localizar o estudo do cinema e dos meios de comunicação de massa em geral em uma dupla perspectiva: a de organização e instrumentação técnica e a de suas conseqüências sociais, suas inter-relações com a sociedade na qual se insere. Este segundo enfoque é o que nos interessa, uma vez que pretendemos responder a indagações que no momento nos inquietam, como por exemplo: Como pensar o cinema como espaço múltiplo de lazer? Seria possível delinear os tipos de filmes exibidos nas salas de cinema e os seus freqüentadores? Como os espaços de sociabilidade eram construídos pela população após a exibição dos filmes? De que forma as emissoras de rádio, televisão e os periódicos da época noticiavam os filmes que seriam exibidos? Quais as lembranças dos freqüentadores? Essas e outras questões não foram suficientemente respondidas e nos chamam atenção

Para fundamentar nossas inquietações destacamos alguns trabalhos sobre diversão e lazer em Campina Grande no século XX: como exemplo inicial destacamos o trabalho de Willis Leal “o Discurso Cinematográfico dos paraibanos – A história do cinema na/da Paraíba”, que dentro os objetos analisados, apresenta uma reflexão sobre as salas de cinema em Campina Grande. A obra é um marco nos estudos sobre cinema no estado, especialmente sobre o encadeamento e extinção das salas de cinema.

² A primeira sala de exibição de filmes foi inaugurada em Campina Grande no ano de 1905 denominada de “Cinema Brasil”, em 1912 foram inaugurados o “Cinema popular” e o “Cinema Campinenses” funcionaram por cerca de um ano e eram de propriedade de comerciantes locais. (LEAL, 1989, p. 54). Em 1912 é inaugurado o Cine Theatro Apollo que funcionou até 1943. Um outro cinema influente nas primeiras décadas do século XX foi o Cine Fox fundado em 1918 e fechado no final dos anos 1930. (CÂMARA, 1998, p. 106). Essas informações demonstram a importância dos cinemas enquanto espaços de lazer nas primeiras décadas do século XX.

³ O Cine Capitólio inaugurado em 1934 e o Cine Babilônia em 1939. Marcaram a época de ouro dos cinemas na cidade entre as década de 1940 e 1950. Estes cinemas estavam localizados no centro da cidade. Em 1945 surgiram dois cinemas: “Cine São José” e o “Cine Avenida” localizados respectivamente, nos bairros de São José e Prata. Além destes a população dispunha dos cinemas “Cine Real” no Bairro de José Pinheiro e “Cine São Paulo” no bairro da Liberdade. Apesar da fase de decadência das salas de exibição de filmes na década de 1980 foi inaugurado o “Cinema 1” inicialmente com a pretensão de oferecer a população “cinema de arte”. (LEAL, 1989, p. 55)

O trabalho de Fabio Gutemberg Bezerra de Souza propõe uma análise sobre a urbanização de Campina Grande entre 1920 e 1945. Ao longo da obra o autor dar ênfase as transformações no espaço urbano, incluindo as modificações arquitetônicas impetradas na cidade, especialmente, na administração de Vergnioud Wanderley, que pretendia “enquadrar” a cidade nos modelos europeus. Em seu estudo acompanha os moradores nos momentos de lazer e diversão, reconstituindo os sentidos que estes territórios assumiam no cotidiano da população. (SOUZA, 2007)

Outro trabalho que nos estimulou a pensar sobre lazer e diversão em Campina Grande foi o trabalho de Antonio Clarindo Barbosa de Souza, que em seu estudo trata sobre a cultura e o lazer na cidade entre 1945 a 1965, período de grandes investimentos nas salas de exposições: aparelhagem, conforto, etc. Em sua tese salienta, dentre outras questões, os espaços de lazer e diversão e as estratégias utilizadas pela população para re (definir) comportamentos, hábitos e atitudes em meio as transformações pelas quais passava a cidade naquele período. (SOUZA, 2002)

Assim, a escolha pelo recorte temporal 1970 a 1980 justifica-se em virtude da ausência de pesquisas que tratem sobre salas de exibição de filmes enquanto espaços de lazer e diversão em Campina Grande-Pb. Período em que o cinema era cada vez mais presente na vida das pessoas, não só pela arte, mas também pelo fácil acesso. Enquanto o Cine Capitólio, Babilônia e localizados no centro da cidade mantinha o glamour dos palácios exibidores, os bairros mais afastados também tinham motivo de orgulho, já que sediavam outros “templos” a exemplo do cine São José e cine Avenida, que atendiam a população pobre oferecendo aos espectadores filmes de faroestes, Kung- Fu e comédias, dentre outros. A respeito dos frequentadores dos cinemas campinenses, o senhor Lívio Wnaderley, proprietário dos Cinemas Capitólio e Babilônia afirmou em entrevista A Ronaldo Dinoá que:

Em toda cidade existe o cinema classe A e classe B. No caso do Capitólio, na época, o mesmo era considerado classe A, justamente por ter seu ingresso mais caro do que o cine Avenida e São José, devido ao melhor conforto que oferecia a seus frequentadores. (DIN OÁ, 1194, p. 461)

Era esse um período no qual o cinema era cada vez mais presente na vida das pessoas, não só pela diversão, mas pelo fácil acesso. Enquanto os cines Capitólio e Babilônia estavam localizados no centro da cidade e mantinham o glamour aos palácios

exibidores, alguns bairros também tinham motivo de orgulho, já que sediavam outros “templos” a exemplo do cine São Jose e Avenida, que atendiam a população mais pobre oferecendo os mais variados filmes. A condição financeira era outro fator que definia os lugares que os freqüentadores poderiam ocupar nos cinemas campinenses. Possivelmente, a seleção dos filmes e horários definidos para o Cine Capitólio visava atender aos interesses do público, considerado pelo proprietário como representantes da classe A. Entretanto, a partir da década de 1980, com o fechamento dos cinemas denominados de bairro o Capitólio passou a ser freqüentado pelas camadas populares e os filmes exibidos passaram a ser direcionados para a violência e sexo. Enquanto o Cine Babilônia permaneceu funcionando até o final dos anos 1990 e com a inauguração de salas multiplex no Shopping Iguatemi, inaugurado em 1999, o processo de falência foi acelerado. A esse respeito um assinante do Jornal da Paraíba ao narrar sua experiência ao adentrar o cine Capitólio no ano de 1999 afirma:

Curioso, mas com medo que alguém me reconhecesse, comprei um ingresso e entrei como um jato no velho cinema. Achei esquisito, mas os poucos espectadores presentes faziam de tudo, menos assistir ao filme. Retirei-me e tive que me render a constatação que o meu tempo passou. Tempo das grandes salas de projeção, lotadas nas célebres: Matinal, Matinê e Soiré. Adultos discutindo a qualidade da fotografia do filme na “Praça vermelha” e crianças trocando gibis de “farwest”. Tempo em que o Shopping Center era a pipoqueira na frente do cinema, o carrinho de picolé e o boteco onde se discutia os grandes clássicos da tela. O tempo realmente mudou. As pessoas preferem tomar cerveja em lata, sentar no sofá e assistir, no telão doméstico, o último lançamento de Spielberg. JORNAL DA PARAÍBA. 07/01/1999. p. 3.

Esse é um fenômeno que aconteceu na maioria das cidades em que o centro urbano foi perdendo seus espaços de lazer, em função de diversos problemas relacionados à violência. Assim, as salas de exibição de filmes passaram por um processo de adaptação e desdobramento com o surgimento das salas multiplex construídas nos shopping center, incrementando o aumento da freqüência em todo o mundo. Entretanto, as salas atendem a um público específico de freqüentadores, os moradores da periferia que se deslocavam de suas residências para o centro da cidade para assistir um filme e passear pelas ruas centrais foram perdendo essa referência de lazer, esse processo foi acentuado com o desenvolvimento da mídia alternativa, TV e a popularização do vídeo e DVD.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito às péssimas condições de conservação das salas e dos filmes apresentados afetando rapidamente os grandes

cinemas, até então um ótimo negócio cinematográfico. É nesse período que os palácios cinematográficos perdem seu prestígio, coincidindo com o surgimento de novos espaços de lazer afastados das proximidades dos cinemas. Com isto, as salas de exibição deixaram de atender o grande público e salas com lugares para mil pessoas, a exemplo do cine Capitólio, foram fechadas.

Essa constatação nos remete ao sentido social que representava a ida ao cinema, ou seja, esta ação pode ter sua relevância tanto para o proprietário por motivos financeiros, quanto para o frequentador mais ou menos abonado, de acordo com o sentido de percepção e apropriação que os mesmos o fazem. Portanto, compreendemos que a relação do expectador com o filme implica um processo de construção de sensibilidades coletivas ou individuais que envolvem muitos aspectos, tais como os locais de exibição, sua divulgação ou a simples escolha do filme. Levamos então para as salas de exibição o sentido que deu a Roger Chartier ao falar sobre a história da leitura, que é sempre “uma produção de sentido a partir da experiência do leitor” (Chartier, 1990, p.95), ou seja, o expectador é parte do jogo e atua também no seu modo ao decidir frequentar uma sala de cinema.

Para que possamos compreender também a importância do cinema como espaço de lazer e sociabilidade em Campina Grande, nos voltamos para as idéias de Michael de Certeau, ao destacar a importância das operações que os consumidores dos produtos culturais redefinem nos usos e consumos a partir das astúcias das táticas cotidianas que demonstram que “essas” maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriem do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural.(CERTEAU,1994, p.41).

Percebemos assim que a criatividade dos frequentadores dos cinemas campinenses, a exemplo dos jovens que burlavam normas para assistir os filmes proibidos para menores, ou mesmo a população mais carente que mesmo enfrentando os olhares da “elite” frequentadora dos cinemas Capitólio e Babilônia adentravam as salas para assistir os filmes exibidos naqueles locais. Esses e outros modos de proceder são as astúcias dos consumidores e, segundo Certeau, compõem uma rede de antidisdisciplina. São atalhos que comprovam que o “homem ordinário” não é obediente e passivo, mas encontra caminhos para consumir os produtos impostos, inventando no cotidiano através das artes do fazer suas astúcias e resistências (CERTEAU, 1994).

Portanto, podemos dizer que durante as décadas de 1970 e 1980, as salas de exibição de filmes existentes em Campina Grande constituíram espaços de sociabilidade, seja através das estratégias dos proprietários para atrair os expectadores, sejam pelas táticas usadas pelos consumidores para driblar possíveis empecilhos presença dos mesmos naqueles locais. Desse modo, percebemos que a prática cultural verificada na ida ao cinema para assistir um filme esconde uma rede de complexa de sociabilidades marcada por sonhos, desejos e fantasias. Nada parece tão novo quanto uma refilmagem de um clássico preto e branco no agora formato 3D. Na vida nada se perde tudo se transforma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Leonilia. Recortes da Modernidade. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz. **Imagens Multifacetadas de Campina Grande**. João Pessoa: A união, 2000.
- BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema?** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. São Paulo: Ática, 1987.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade; lembranças de velhos**. São Paulo: T. A . Queiroz/Edusp. 1983.
- CÂMARA, Epaminondas. **Datas Campinenses**. 2ª edição. Campina Grande: Caravelas, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense, 1996.
- _____. **A Invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. João Pessoa: A União, 1994. Vols I e II.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI escolar: o minidicionário de língua portuguesa**. Coordenação da edição, Margarida dos anjos, Marina Baird Ferreira: lexicografia. 4 ed. ver. Ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4ª ed. São Paulo: Paz e terra, 1992.
- JORNAL DA PARAÍBA. 07/01/1999.

LEAL, Wills. **O Discurso Cinematográfico dos Paraibanos. A História do Cinema na/da Paraíba.** João Pessoa: A União, 1989.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo.** São Paulo: Moderna, 1998.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória.** São Paulo: Contexto, 1992.

MORAES, Antônio Pereira. **Vi, ouvi e Senti. Crônicas da vida campinense e outras narrativas.** Campina Grande: s/e, 1985.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. **Disciplina e Espaços. Construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX.** Recife: UFPE, 1997. (Dissertação de Mestrado).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIMENTEL, Cristino. **Pedaços da História de Campina Grande.** Livraria Pedrosa, 1985.

REIS, José Carlos. **A História entre a Filosofia e a Ciência.** São Paulo: Ática, 1996.

SILVESTRE, Josué. **Lutas de vida e Morte. Fatos e personagem da História de Campina Grande (1945-1953).** Brasília: Senado Federal, 1982.

SOUSA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos. Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965).** Recife: UFPE, 2002 (tese de Doutorado).

SOUZA, Fábio Gutemberg R. B. de. **Territórios de Confrontos. Campina grande (1920-1945).** Campina Grande: EDUFPG, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado. (História oral).** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.